

# DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

*coordenação*  
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA  
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS  
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

[www.editorial-caminho.pt](http://www.editorial-caminho.pt)



DICIONÁRIO  
DE  
FERNANDO PESSOA  
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

*coordenação*

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINHOS

S|hi

Castro d'Ayre, *Madrugada*, subtítulo *Poesia Futurista*, que exhibe com muita exactidão a entorse semântica que a palavra «Futurismo» tem nas letras portuguesas das primeiras décadas do século XX, e que refere um certo tipo de Simbolismo caricatural. No caso deste poema, por exemplo, lêem-se versos como «Fios esguios, fuzis, / Ritmos imperceptíveis, sons divinos / / Hinos rítmicos, rios, linhos finos, / Escala cromática d'is», ou «Lina, sina, fina crina / Cruel, painel da ilusão».

Fernando Cabral Martins

**PORTUGAL FUTURISTA.** Revista que é o lugar por excelência da Vanguarda portuguesa, quer pela sintonização europeia quer pela radicalidade dos textos propostos, sobretudo os de Almada e Álvaro de Campos. Publicada em Lisboa em 1917, é retirada do mercado quinze dias depois. Dirigida por Carlos Porfírio, contém apenas um manifesto sobre a passagem dos *Ballets Russes* em Lisboa, assinado por Almada, Ruy Coelho e José Pacheco. Nela colabora Rebelo Bettencourt sob o nome de Bettencourt-Rebello, que abre o número com um elogio de duas páginas a Santa Rita Pintor seguido de uma fotografia de página inteira do elogiado, e faz a seguir, sob o título «Futurismo», uma montagem livre de passagens traduzidas de manifestos de Marinetti, Boccioni e Carrà, ilustrada com três reproduções de quadros de Santa Rita Pintor. Seguem-se a transcrição em francês do *Manifeste des Peintres Futuristes*, ilustrado por reproduções de Santa Rita Pintor e Amadeo e um artigo também em francês, «L'Abstraccionisme Futuriste», assinado por Raul Leal, de novo incensando Santa Rita Pintor e a sua «œuvre g niale». A omnipresença deste último na primeira parte da revista impõe um antet tulo para *Saltimbancos (Contrastes Simultâneos)*, texto em forma de prosa, que  : «De José de Almada-Negreiros a Santa Rita Pintor». Já a segunda parte da revista está sob a égide de Almada: ele a  publica um novo texto, *Mima-Fataxa*, desta vez em forma de prosa, e ainda o *Ultimatum Futurista  s Gera es Portuguesas do Século XX*, acompanhado de uma hoje célebre fotografia sua em fato de aviador. Intercalados entre estes textos, surgem um poema de Apollinaire, mais quatro poemas de Blaise

Cendrars sobre a Torre Eiffel, todos comunicados por Sonia Delaunay. E ainda três poemas inéditos de S -Carneiro, duas séries de poemas de Pessoa, *Episódios*, mais o *Ultimatum* de  lvoro de Campos e, enfim, dois manifestos futuristas traduzidos e lidos na 1.  Conferência Futurista: *Manifesto Futurista da Lux ria*, de Valentine de Saint-Point, e *O Music-Hall*, de Marinetti.

Que o Futurismo, nomeadamente as tradu es de Marinetti, figurem com tal presença neste número único, que assim reforça a sua dimensão de manifesto em si mesmo, de *Portugal Futurista* não pode surpreender. Tanto mais que Santa Rita já o fizera publicar, ao Primeiro Manifesto do italiano, no *Açoriano Oriental*, numa das suas primeiras tradu es europeias. Tão-pouco nos surpreender , também, que um texto futurista-sensacionista de  lvoro de Campos figure, atendendo a que Pessoa entenderia que, através da violência verbal e letrista do Futurismo, poderia dar uma dimensão vanguardista ao whitmaniano Campos. O que mais surpreende, então, neste número único da extraordinária publica o,   a actualidade das suas referências externas para além da retórica futurista que os jovens portugueses queriam abraçar, decerto para tornar Portugal mais habitável, porque mais contemporâneo da Europa.   a  que avulta a importância dos contributos, sobretudo os de Apollinaire e de Cendrars. Como nos surpreende a extensão da cumplicidade aos Delaunay, e a uma realidade parisiense que na verdade só Amadeo entenderia plenamente.

Mas definitivamente o mais surpreendente   que Santa Rita, enigmática personagem que parece arrancada das páginas do *Moravagine* que poucos anos depois seria a obra magistral de Cendrars, possa ter mobilizado todos os colaboradores a contribuir para a constru o do seu próprio mito, tornando-se uma existência activa e longamente enigmática no contexto do Modernismo português, tanto mais inapreensivel quanto dele não restam mais que esparsos testemunhos, contraditórios, entre a euforia de um êxtase admirativo e o desdém de S -Carneiro que em Paris o detestara por falta de carácter, como confessaria a Pessoa nas suas cartas. Esse provocador sem fim, que se alavancava no histrionismo futurista para fazer da vida a própria obra, o único que o soube entre nós fazer, mais *dada* que futurista e antes de poder saber o que era *dada*. A fotografia em veste

alucinada num quarto estreito, a clownesca figura com que se projecta em anticlimax de toda a mitificação que no mesmo número da revista reverte em elogio da sua inspiração, constituem, além dos sinais premonitórios a mais de meio século de distância do que seria a *performance* (como na Rose Sélavy de Duchamp) um dos mitos mais activos, ainda hoje, desse incerto Modernismo que tivemos. Como a heteronímia de Pessoa, como a grandeza do Almada poeta face ao Almada pintor, que no entanto preferiu ir por aí na apresentação de si mesmo. Como o suicídio de Sá-Carneiro, talvez. Porque é tanto de interrogações e de enigmas sem resposta que se fazem os nós de uma corrente, quanto das zonas em que tudo, nelas, nos parece claro.

Bernardo Pinto de Almeida

**PORTUGAL, José Boavida (1889-1931).** Jornalista, trabalhou em diversos jornais e revistas. Em 1913, dirige a revista *Teatro — Revista de Crítica*, de que saem quatro números e onde Pessoa publica três artigos: n.º 1, de 1-3-1913 «Naufrágio de Bartolomeu», crítica demolidora ao livro *Bartolomeu Marinheiro* de Afonso Lopes Vieira; n.º 2, de 8-3-1913 — «Coisas estilísticas que aconteceram a um Gomil Cinzelado, que se Dizia ter sido Batido no Céu em Tempos da Velha Fábula, por um Deus Amoroso», a propósito de um livro de Manuel Sousa Pinto; n.º 3, de 25-3-1913 — «Novas Publicações Literárias», apreciação em tom satírico de *Teatrália*, *Gente Moça* e *Talassa*. Em 1915, é director de *O Jornal*, onde de novo acolhe a prosa pessoana. Aí, mantém Pessoa uma coluna intitulada «Crónica da Vida que Passa», onde saíram seis artigos: em 5, 8, 11, 15, 18 e 21 de Abril. O último dos artigos provocou a fúria e um abaixo-assinado da classe dos *chauffeurs*, o que obrigou Boavida Portugal a escrever uma «Explicação Necessária», a 23 do mesmo mês, declarando publicamente que Pessoa deixara de fazer parte dos colaboradores de *O Jornal*. Mas as boas relações do poeta com Boavida Portugal datam, pelo menos, de 1912. Na altura colaborador do *República*, Boavida Portugal organiza um «Inquérito Literário», cujas respostas saíram nas páginas do jornal entre Setembro e Dezembro desse ano, e destinado a recolher as opiniões dos intelectuais acerca da vida literária portuguesa.

A referência indirecta e cínica que Adolfo Coelho, na sua resposta, faz à «visão messiânica» de um crítico de *A Águia*, motiva uma réplica de Pessoa. Esta apresenta-se em forma de carta ao promotor do inquérito, agradecendo o convite que, verbalmente, lhe terá dirigido. Este convite terá decidido Pessoa a levar por diante a sua vontade de participar, que fica expressa em dois rascunhos de cartas a Boavida Portugal, existentes no Espólio pessoano. Num deles, já publicado, Pessoa oculta a sua identidade, dizendo-se «um desconhecido, um à-margem» que se atreve a responder a um inquérito destinado a gente consagrada, e contrariando as opiniões expressas recentemente em *A Águia* pelo «instituidor do super-Camões». No outro rascunho, inédito, Pessoa ataca violentamente a resposta dada por Júlio de Matos, ao mesmo tempo que defende a Renascença Portuguesa e a revista do Porto por ele criticadas. A este propósito, diz Pessoa que previra o que poderia acontecer, ao conhecer os termos do questionário e os nomes dos entrevistados. E lembra ainda: «Extensas conversas particulares entre nós havidas dispensam-me de principiar esta carta com a apreciação elogiosa [...] da sua ideia de um inquérito à nossa vida intelectual. Saída de mim que foi essa ideia» (E3 114<sup>3</sup>-77). Estas curiosas observações fazem antever as palavras de Pessoa, numa recensão crítica (secção «Crónica do Livro», *O Jornal*, 4-9-1915) ao livro *Inquérito Literário* (Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1915), organizado por Boavida Portugal, com inclusão de todas as respostas e réplicas motivadas pelo questionário. Aí, censura o jornalista por «não ter tido a intuição de como esta gente a consultar havia de ser levada a dizer coisas em que se pudesse supor nexos e jeito». Boavida Portugal publicaria ainda obras de carácter doutrinário como *Educação Cívica* (1917), *O Que Deverá Ser a Educação em Portugal depois da Guerra* (1918); *Cartilha Nova: Doutrina Moral* (1920), *Da Liberdade à Democracia* (1923), para além do controverso «ensaio crítico», *Eça de Queirós, Bolchevista* (1930).

Manuela Parreira da Silva

**PORTUGAL, VASTO IMPÉRIO.** Em 1926, o jornalista Augusto da Costa realizou para o *Jornal do Comércio e das Colónias* um inquérito subordinado ao tema «Portugal, Vasto Império».